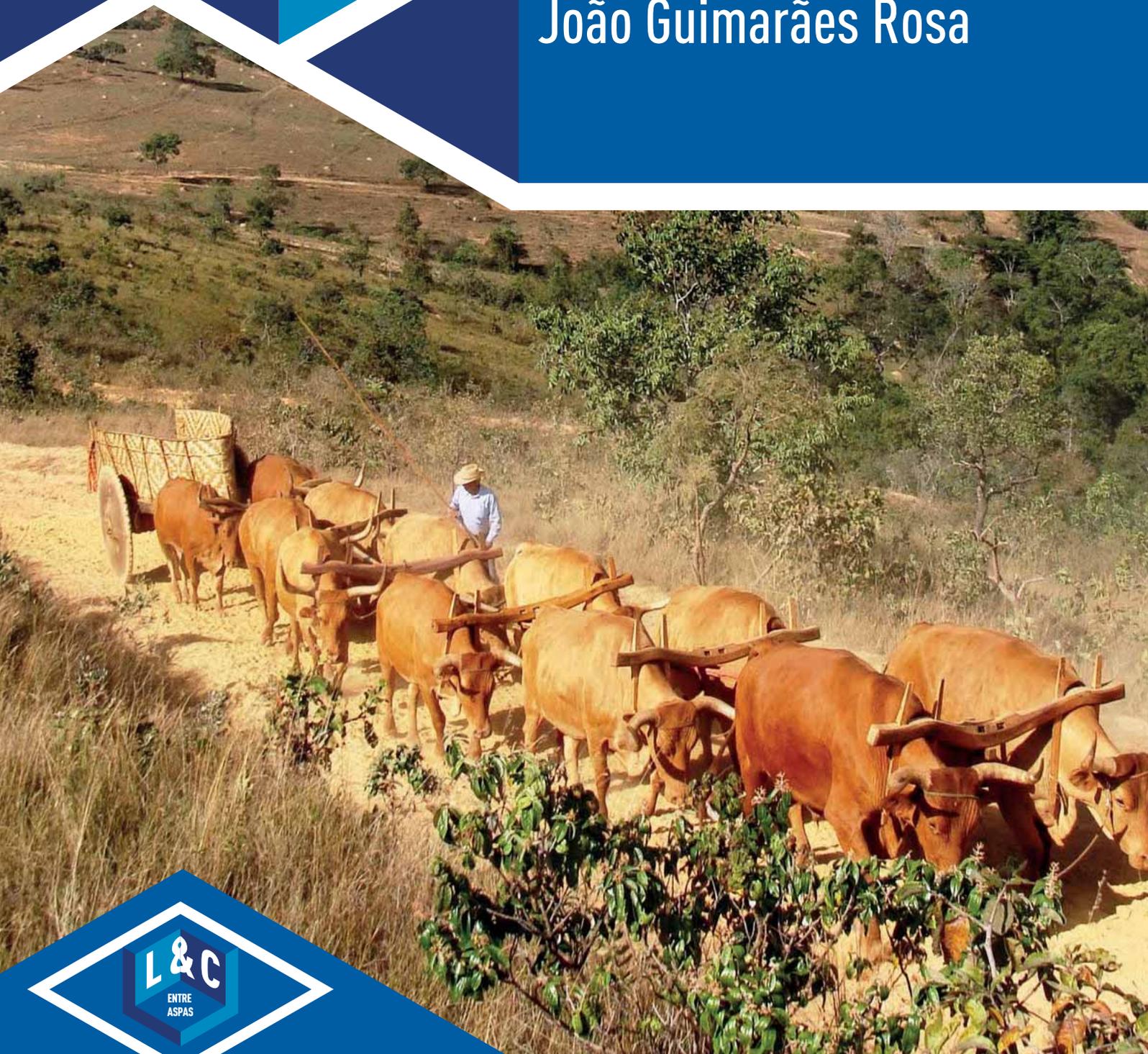


02

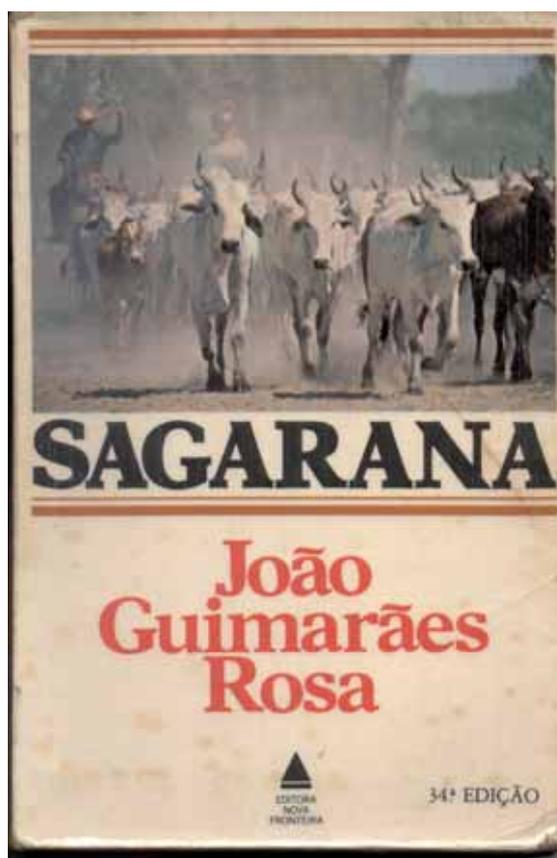
Sagarana

João Guimarães Rosa



L&C  
ENTRE  
ASPAS

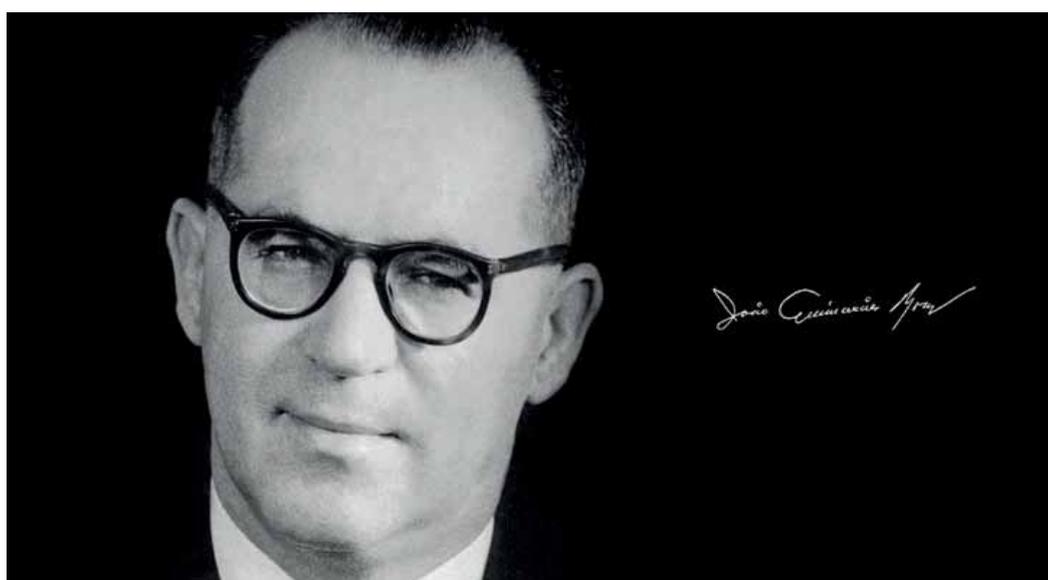




### Autor

Guimarães Rosa

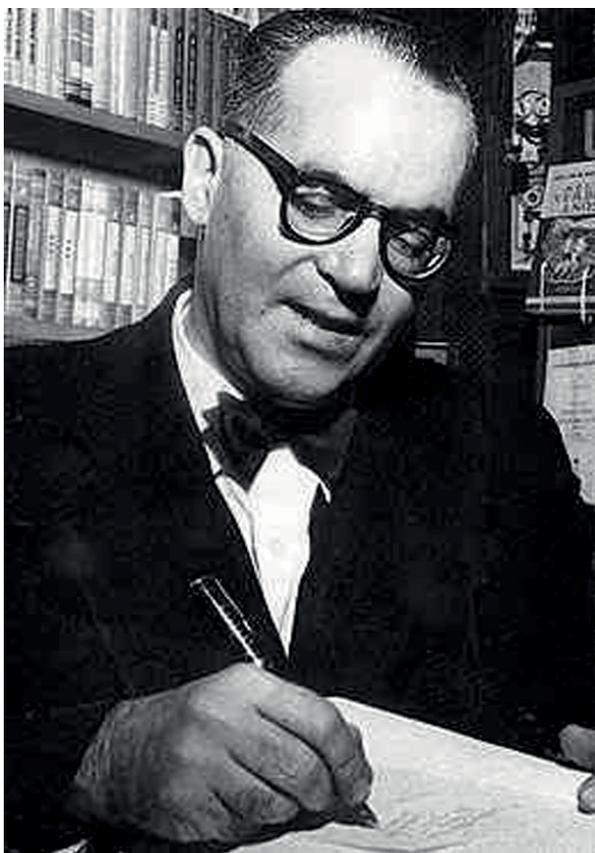
### Sobre o Autor (Guimarães Rosa)



Nascido no ano de 1908 na cidade mineira de Cordisburgo, é sem dúvida um dos maiores escritores da literatura brasileira. Médico e diplomata, Guimarães Rosa começou a publicar seus textos apenas após os 38 anos.

Os seus escritos ambientam-se no sertão brasileiro, ao mesmo tempo que são universais sob a lógica da máxima “O sertão é o mundo”. Sua obra destaca-se pelas inovações de linguagem, sendo marcada pela influência de falares populares e regionais. Os neologismos – ou seja, a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e de palavras populares – as invenções e as intervenções semânticas e sintáticas fizeram de sua literatura um fenômeno único.

Morreu no Rio de Janeiro, em novembro de 1967 logo após ocupar a cadeira nº 2 na Academia Brasileira de Letras por apenas três dias, já que havia atrasado a cerimônia de posse por quatro anos. Guimarães Rosa foi indicado ao prêmio Nobel de Literatura por três vezes.



## Obras

- *Magma* (poemas – 1936): publicado postumamente.
- *Sagarana* (1946 – contos e novelas regionalistas)
- *Com o vaqueiro Mariano* (1947)
- *Corpo de baile* (1956 – novelas): essa obra é atualmente publicada em 3 partes:
  - *Manuelzão e Minguilim*
  - *No Urubuquaquá, no Pinhém*
  - *Noites do sertão*

- *Grande sertão: veredas* (1956)
- *Primeiras estórias* (1962)
- *Tutaméia – Terceiras estórias*: causou furor no meio literário e dividiu a crítica, porém, fez grande sucesso com o público. Foi o último livro que Guimarães Rosa publicou em vida. (1967)
- *Estas Estórias* (1969 – contos)\*
- *Ave, palavra* (1970 – diversos)\*

\*obras póstumas

## Contexto

O contexto de sua produção é a terceira fase do modernismo que se inicia a partir do ano de 1945. Uma fase madura desta escola literária que contou com o processo de universalização do regionalismo, bem como com o mergulho intimista nos personagens.

Guimarães Rosa foi um dos principais representantes do regionalismo brasileiro, característica da terceira fase do modernismo. Com uma linguagem popular e erudita, o escritor conseguiu inovar a literatura. Destaca-se como inovação do período seus neologismos que eram reflexo de sua intensa pesquisa na fala popular. Ele partia pelo sertão do norte de Minas Gerais, montado em seu cavalo, observando aquilo que mais lhe agradava, o homem e sua linguagem.



Guimarães Rosa em uma de suas viagens pelo sertão.

## APRESENTAÇÃO

Guimarães Rosa fez de *Sagarana* a semente de uma obra, cujo sentido e alcance ainda estão longe de ser inteiramente decifrados.

Além disso, *Sagarana* é seu livro de estreia. Se procurarmos seu sentido no dicionário, não encontraremos. O autor adianta, já no título, o neologismo tão presente em suas obras.

- SAGA (radical germânico): usado para designar narrativas em prosa.
- RANA (sufixo tupi-guarani): significa “à semelhança de”.

## Características da obra ficcional de Guimarães Rosa

### a) Manejo da palavra e deslocamento da sintaxe

Apresenta uma alteração profunda no manejo da palavra, que consiste, sobretudo, de um incomum deslocamento da sintaxe; no emprego de um vocabulário ora arcaico, ora neológico: na ousadia mórfica, que recria a linguagem.

### b) Reinvenção do sertão

Questionando a linguagem da ficção e reunindo elementos linguísticos da própria realidade sertaneja, reinventa o sertão, chamando a atenção – em todas as obras, mas principalmente em *Grande sertão: veredas* – para o fato de que “o sertão é o mundo”. Transforma, assim, esse território num espaço-metáfora, em que tudo pode acontecer.

### c) Transcendência do regionalismo

Os elementos folclóricos pitorescos e meramente documentais, lugares-comuns da maioria das obras regionalistas, ganhariam novos significados com Guimarães Rosa: o escritor lida com eles de uma forma inusitada, situando-se entre a realidade e a fantasia, localizando lugares e personagens em um plano mítico.

### d) Inserção de momentos de “epifania”

São histórias, historietas, eventos que “revelam” da personagem aspectos antes não percebidos.

### e) Temática universalizante

Ao transformar o sertão no mundo, Guimarães Rosa torna-o universal, fazendo caber dentro dele todos os temas. Ao mesmo tempo, “o sertão é dentro da gente”, ou seja, é a interpretação que cada um de nós tem do mundo.

## A moralidade dos contos

1. Contos em que ocorre o crescimento dos personagens: "O Burrinho Pedrês", "Duelo", "Corpo Fechado" e "A Hora e Vez de Augusto Matraga".
  2. Contos nos quais ocorre a humanização dos animais: "O Burrinho Pedrês" e "Conversa de Bois".
  3. Contos de feitiçaria: "Minha Gente", "São Marcos" e "Corpo Fechado".
  4. Contos nos quais um instante parece valer por toda uma vida: "O Burrinho Pedrês" e "A Hora e Vez de Augusto Matraga".
  5. Contos em que os costumes dos capiaus servem de temática: "A Volta do Marido Pródigo" e "Minha Gente".
  6. Contos nos quais está presente a ideia de travessia: "O Burrinho Pedrês", "Duelo" e "A hora e vez de Augusto Matraga".
  7. Contos nos quais a natureza parece algo vivo (panteísmo): "Sarapalha" e "São Marcos".
- Cabe ainda ressaltar que o primeiro conto, "O Burrinho Pedrês", e o último, "A Hora e Vez de Augusto Matraga", fecham-se num círculo temático.

# OS NOVE CONTOS DE SAGARANA

## I. O burrinho pedrês

### Personagens

Sete-de-Ouros – animal miúdo e resignado, idoso, muito idoso, beijo inferior caído. Tivera outros nomes ao longo de anos e amos: Brinquinho, Rolete, Chico-Chato e Capricho.

### Major Saulo

É o dono da fazenda da Tampa. Sempre rindo, possuía olhos verdes e era gordo. Homem bravo, domava boi bravo só com o olhar. Mesmo sem saber ler e escrever, cada ano ia ganhando mais dinheiro e comprando terras e gado.

### João Manico

João Manico era um vaqueiro pequeno (nanico) que montou o burrinho Sete-de-Ouros na ida. Na volta, trocou de montaria. No momento em que era para entrar na água, negou-se dizendo estar resfriado. Fato este, fez com que escapasse da morte.

### Raymundão

Raymundão era o vaqueiro de confiança do Major Saulo. Caracteriza-se pelas histórias que contava enquanto ia tocando a boiada. Suas histórias giram em torno do zebu Calundu.

### Francolim

Francolim era um encarregado do Major Saulo e responsável de pôr ordem nos vaqueiros. Durante a noite da enchente foi salvo pelo burrinho Sete-de-Ouros.

### Zé Grande

Sujeito que vai na dianteira da boiada e caracteriza-se por tocar o berrante (Instrumento típico do sertão).

### Silvino

Silvino é um vaqueiro que perdeu a namorada para Badu. Seu plano era matar o rival na volta, depois de depositarem a boiada no arraial.

### Enredo



Sete-de-Ouros era o nome de um burrinho cansado e já velho que fora escolhido para montaria num transporte de gado. Corre a “boca pequena”, entre os vaqueiros, que Silvino planeja se vingar de Badu, por conta dele andar de gracejos com sua namorada.

Num dado momento, Silvino atíça um touro para que ele investisse contra Badu. No entanto, este consegue se salvar dominando o boi. A caminho de volta, Silvino conta para seu irmão o plano de morte.

Na travessia do Córrego da Fome, vaqueiros e cavalos se afogam, já que, com a cheia das águas, o rio se tornou um perigo. Desta travessia salvam-se apenas Badu e Francolim: um em cima e outro pendurado no rabo do burrinho.

“Sete-de-Ouros”, burro velho e desacreditado, personifica a cautela, a prudência. Segundo as crenças locais “nada vale lutar contra a correnteza”.

## II. A volta do marido pródigo

### Personagens

### Lalino Salãthiel

É um mulato contador de histórias, muito malandro e conhecido por todos como Laio. Bradava a todos que conhecia o Rio de Janeiro (capital), apesar de nunca ter estado lá. Mas, certa vez, conseguiu realmente conhecê-la.

## Maria Rita

Maria Rita é a mulher de Lalino. Despendia um trato especial e carinhoso para com o marido.

## Marra

Marra é o encarregado dos serviços. Muda-se do arraial depois que a obra acabou.

## Ramiro

Ramiro é um espanhol que ficou com Ritinha. (mulher de Lalino).

## Waldemar

Chefe da Companhia.

## Major Anacleto

O Major é um homem de princípios rígidos, é intolerante e difícil de se enganar. É o chefe político do local.

## Tio Laudônio

Tio Laudônio é o irmão e conselheiro do Major Anacleto, poucas vezes vinha ao povoado. Esteve no seminário, vivia isolado na beira do rio. Carrega em sua caracterização o típico mistério dos personagens roseanos: chorou na barriga da mãe, enxerga no escuro, sabe de que lado vem a chuva e escuta o capim crescer.

## Benigno

Benigno é o inimigo político do Major Anacleto.

## Estevão

Estevão, que nunca ria, é um capanga respeitado do Major Anacleto. Tinha grande pontaria e costumava mirar no umbigo para que a bala varasse cinco vezes o intestino e chegasse até a medula.

## Enredo



A descrição tem início com um sujeito que vende a mulher para dedicar-se a aventuras na cidade grande, mas depois se arrepende, volta para sua região e reconquista sua posição e sua mulher.

A história gira em torno de Lalino, – trabalhador de uma obra de escavação – que resolve ir para o Rio de Janeiro. Depois de se esbaldar na capital, ele retorna e encontra sua mulher, Maria Rita amasiada com Ramiro um espanhol que lhe emprestou dinheiro para sua viagem.

Lalino pede ajuda a Oscar, filho do Major Anacleto, que lhe arranja um emprego de cabo eleitoral na campanha do Major. Lalino usa toda a sua malandragem para convencer os eleitores e obtém sucesso em seu intento. O Major, contentíssimo, mandou trazer Maria Rita para as pazes com Laio. Convocou a jagunçada e ordenou: “mandem os espanhóis tomarem rumo”! Se miar, mete a lenha! Se resistir, berrem fogo!

## III. Sarapalha

### Personagens

#### Primo Argemiro

Sobrevivente de malária, possui sua descrição às voltas da febre e do frio de todos os dias. Seu baço está sempre inchado. No início da doença, foi abandonado pela esposa, Luísa. Ela fugiu com um boiadeiro.

## Primo Ribeiro

Como Primo Argemiro, vai sobrevivendo à malária. Os dois moram isolados numa região em que a febre já expulsou toda a gente. Apesar de ter terras em outra região, prefere ficar ao lado de Primo Ribeiro, tal a amizade que os une.

## Prima Luísa

Muito bonita, morena, olhos pretos, cabelos pretos é a mulher de Ribeiro. Caracterizada com riso alegre e olhar duro. Fugiu com um boiadeiro.

## Ceição

Preta velha.

## Jiló

Cachorro.

## Enredo

“— Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p’ra gente deitar no chão e se acabar.”

A malária (sazão) assola o povoado às margens do rio Pará fazendo com que as pessoas abandonem o local, deixando tudo para trás. Aqueles que não partem acabam morrendo e o mato toma conta do povoado

Primo Argemiro e Primo Ribeiro observam a doença avançar em si mesmos e Ribeiro faz Argemiro prometer enterrá-lo no cemitério do povoado.

Diante da desgraça, Ribeiro começa a lembrar da esposa (que era sua prima Luísa) e contar que ela fugiu com um boiadeiro. Argemiro, que amava a mulher do primo e desejava ter sido ele a fugir com ela, confessa ao primo que foi morar com eles por causa dela.

Ribeiro expulsa o primo enquanto a malária o atinge.

Sem o perdão do primo, Argemiro reúne as forças para ir embora. Caminha com dificuldade assustando os pássaros pretos que o confundem com um espantalho. E sua lembrança vai até Luisinha (antes de se casar com Ribeiro). Ela estava de azul, a paisagem também se enfeitava de flores azuis. “Bom lugar para se deitar e morrer”.

## IV. Duelo

### Personagens

#### Turíbio Todo

Sujeito papudo, vagabundo, vingativo e mau, Turíbio é um seleiro de profissão. Possuía pêlos compridos nas narinas e chorava sem fazer caretas.

#### Dona Silivana

Mulher de olhos bonitos e grandes. É a esposa de Turíbio Todo.

#### Cassiano Gomes

Cassiano é solteiro e tinha um caso com Dona Silivana. É um ex-militar com fama de exímio atirador. Andava sempre armado, com um rifle ao alcance da mão.

#### Timpim Vinte-e-um

Caipira franzino, é morador do povoado Mosquito. Cassiano, antes de morrer, salvou-lhe o filho e deu-lhe dinheiro. Vinte-e-Um é aquele que matou Turíbio Todo.

## Enredo



O cenário é o Arraial de Vista-Alegre, no interior de Minas Gerais. Turíbio é traído pela mulher com o Cassiano Gomes e resolve se vingar. Porém mata por engano o irmão de Cassiano.

Cassiano persegue Turíbio durante meses, e este, vai para São Paulo. Durante toda a caçada, eles não se cruzam uma só vez.

Cassiano morre do coração, por ter exigido demais de si mesmo durante a perseguição, mas antes de morrer contrata os serviços de um caboclo que lhe devia favores, o Timpim Vinte-e-um.

Quando Turíbio volta de São Paulo, acompanhado por um sujeito franzino, ansioso para rever a mulher, é assassinado por Timpim que o acompanhava para ter certeza da identidade da vítima. Turíbio levou um susto: o capiauzinho falou com voz firme e diferente, segurando uma garrucha velha de dois canos: "Seu Turíbio! Se apeie e reza, que agora eu vou lhe matar!" Turíbio fez voz grossa, mas o caipira explicou: não ia adiantar nada porque ele prometeu ao Compadre Cassiano, na horinha mesmo de ele morrer'.

## V. Minha gente

### Personagens

#### Narrador

É o protagonista do conto.

"Se o senhor doutor está achando alguma boniteza...". Esta fala é essencial para entender de quem se trata o narrado da história. Homem da cidade que estava a passeio pelas fazendas dos tios (interior de Minas Gerais). Ele gostava da prima Maria Irma, mas casou-se com Armanda, filha de uma fazendeira.

#### Santana

Santana é bonachão e culto, sujeito detentor de memória prodigiosa, é um tipo de servidor público facilmente encontrável. Companheiro nas andanças do narrador, tem mania de jogar xadrez, mesmo quando estão andando a cavalo. É inspetor escolar.

#### José Malvino

Atencioso, desconfiado, prestativo e supersticioso, José Malvino é o roceiro que acompanha o protagonista na viagem para a fazenda do Tio Emílio. Conhece os caminhos e sabe interpretar os sinais que se apresentam ao seu redor.

#### Tio Emílio

Emílio é o tio do narrador da história, um fazendeiro, chefe político local. Ele sofreu mudança radical depois que se meteu na política. Sente prazer e satisfação de tripudiar seus adversários.

#### Maria Irma

Tem olhos grandes, pretíssimos e cintura fina. Passou alguns anos no internato.

Prima do protagonista e primeiro objeto de seu amor. Usa sua inteligência para elaborar um plano de ação e não se afasta dele até atingir seus objetivos. Não abre seu coração para ninguém, mas sabe e faz o que quer. Maria Irma é uma das filhas de Tio Emílio e, no passado, foi namorada "de brincadeira" do narrador.

#### Armanda

Filha de fazendeiros; estudou no Rio de Janeiro. No final da história termina casada com o narrador.

#### Bento Porfírio

Bento Porfírio é um vaqueiro (empregado da fazenda de Tio Emílio) que gostava de pescar (companheiro de pescaria do protagonista). Num dado momento se envolveu com uma prima casada (de-Loudes) e terminou assassinado a foice pelo marido enciumado (Alexandre).

#### Enredo

Na viagem para a fazenda de seu tio (envolvido em uma campanha política) em Minas Gerais, o protagonista-narrador é acompanhada por Santana, inspetor escolar, e José Malvino. O narrador-personagem está empenhado em ganhar as eleições locais.

O narrador testemunha o assassinato de Bento Porfírio e tenta conquistar o amor da prima (Maria Irma). Um dia, ela recebe a visita de Ramiro, noivo de outra moça, segundo ela diz, e o moço fica com ciúmes. Para atrair o amor de Maria Irma, ele finge namorar uma moça da fazenda vizinha. Porém, o plano falha – tendo como efeito secundário, não calculado, a vitória

do tio nas eleições – e o moço deixa a fazenda. Na visita seguinte, Maria Irma apresenta-lhe Armanda. É amor à primeira vista; ele se casa com a moça, e Maria Irma, por sua vez, se casa com Ramiro Gouveia, “dos Gouveias de Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom”.

As histórias entrecruzam-se na narrativa:

- I. a do vaqueiro que buscava uma rês desgarrada e que provocara os marimbondos contra dois ajudantes;
- II. o moleque Nicanor que pegava cavalos usando apenas artimanhas;
- III. Bento Porfírio assassinado por Alexandre Cabaça;
- IV. o plano de Maria Irma para casar-se com Ramiro.

## VI. São Marcos

### Personagens

#### José

José é o narrador do conto. Gostava de observar árvores, pássaros, rios, lagos. É um admirador da natureza.

#### João Mangolô

Mangolô era um preto velho que morava no Calango-Frito e tinha fama de feiticeiro.

#### Aurísio Manquitola

Aurísio Manquitola é um sujeito experiente, contador de histórias. Ele conhecia bem todas as pessoas de Calango-Frito.

#### Tião Tranjão

Vendedor de peixe-de-rio no arraial. Tornou-se indomável depois de aprender a oração de São Marcos. Sujeito meio “leso”.

#### Enredo

A história se passa no povoado de Calango-Frito. Por ali, surge a figura de José que tem apreço por adentrar à mata para caçar, observar a natureza. Sempre que ele passa pela casa de João Mangolô provoca-o.

Certo dia, caminhando pela mata, encontra Aurísio Manquitola, ambos comentam sobre a “Oração de São Marcos” que é capaz de atrair coisas ruins. Aurísio Para provar esta teoria, Aurísio conta alguns causos. São eles:

- Gestal da Gaita: Silvério teve de pernoitar com Gestal. Gestal reza a Oração e parte para cima de Silvério com uma peixeira, Silvério desvia e Gestal começa a subir pelas paredes até bater a cabeça no teto e cair no chão sem lembrar de nada.
- Tião Tranjão: amigado de mulherzinha; espezinhado por Cypriano que era amante de sua amásia. Gestal da Gaita com dó ensina a oração a Tião. Tião é acusado de ofender Filipe Turco e na cadeia apanha dos policiais. A meia-noite Tião reza a oração e consegue escapar, ir para casa e bater na amante, no amante da amante e quebrar a casa toda.

José, depois deste encontro com Aurísio, continua andando e se lembra da história dos bambus e troca poesias com um “Quem-Será?”, usando os nós dos bambus para deixar as mensagens para seu interlocutor anônimo, chamado por ele de “Quem-será?”.

Ele segue caminhando pela floresta e ao descansar debaixo de uma árvore, repentinamente fica cego. Desesperado pela mata, resolve rezar a oração de São Marcos. Feito isso, segue seu caminho e deixa a floresta chegando a cabana de Mangolô, lá descobre que o mesmo fizera um feitiço para deixa-lo cego a fim de lhe ensinar respeito. José ameaça matar o velho, mas volta a enxergar e resolve ter mais respeito pelo velho feiticeiro.

## VII. Corpo fechado

### Personagens

#### Médico

O doutor é o narrador da história. Morador de um arraial do interior de Minas, fez amizade com Manuel Fulô. “Dava corda” e gostava de ouvir suas histórias.

## Manuel Fulô

Manuel Fulô era um sujeito cheio de histórias, mirrado e com cara de bobo. Possui cabelo preto, não trabalhava e adorava um “rabo de saia”.

## Beija-flor

Mulinha de Manuel Fulô, possui cruz preta no dorso, lisa, lustrosa, sábia e mansa.

## Das Dor

Moça pobre de uma beleza simples. É noiva de Manuel Fulô.

## Targino

Era magro, feio, de cara amarrada e esverdeada. Difícilmente ria. O valentão mais temido do lugar

## Antônio das Pedras-águas

Era pedreiro, feiticeiro e curandeiro.

## Enredo



O narrador é convidado por Mané Fulô, para ser seu padrinho de casamento e vai contando suas histórias para o doutor. Mané detesta trabalhar e adora contar histórias, especialmente sobre os causos que ocorreram com ele próprio.

- Sobre de valentões;
- Sobre ciganos que ele teria ludibriado na venda de cavalos;
- Sobre sua rivalidade com Antonico das Pedras, o feiticeiro.

Mané Fulô possui uma mula chamada de Beija-Fulô, e Antonico possuía uma bela sela mexicana. Cada um dos dois gostaria muito de adquirir o que era do outro.

Aparece Targino, o valentão do lugar, e anuncia que vai passar a noite antes do casamento com das Dor, noiva de Mané. Ele se desespera, pois ninguém pode ajudá-lo, uma vez que o valentão do Targino domina o lugarejo.

Aparece então, Antonico e propõe um pacto com Mané Fulô: vai fechar-lhe o corpo, mas exige como pagamento o cavalo.

Mané, que gostava muito de seu cavalo, não teve outra opção, pois ficou dividido entre o animal e sua noiva.

Em seguida, diante de todos, enfrenta Targino e o mata apenas com uma faquinha.

Mané Fulô assume o posto de valentão do locas, especialmente por ter matado Targino e o seu casamento realiza-se sem nenhum problema.

## VIII. Conversa de bois

### Personagens

#### Tiãozinho

Menino-guia. Odiava o Agenor carreiro, pois o malvado vivia fazendo carinho na mãe de Tiãozinho, mesmo quando o pai do menino ainda estava vivo, entrevado em cima de um jirau.

#### Agenor Soronho

Carreiro. Mandava em Tiãozinho como se fosse pai dele.

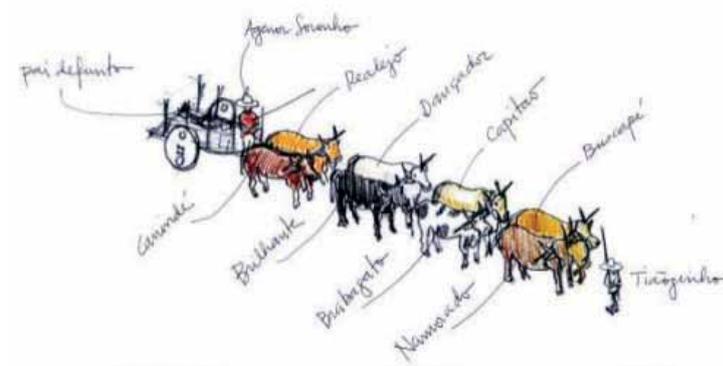
#### Januário

Pai de Tiãozinho.

### Outros personagens

*Buscapé, Namorado, Capitão, Brabagato, Dansador, Brilhante, Realejo e Canindé* – protagonistas bovinos da história, que vão na sua marcha lenta, carregando “o peso pesado” do carro-de-bois, carregado de rapaduras e um defunto.

## Enredo



O narrador se apresenta dizendo que vai contar a tragédia que ouviu de Manuel Timborna, que a ouviu da irara Risoleta, testemunha do acontecido.

Pelo sertão anda um carro de bois: na frente, Tiãozinho, o menino guia, logo atrás as quatro juntas, com oito bois, que conversam enquanto puxam a carroça, cujos nomes, em dupla, são:

- Buscapé e Namorado;
- Capitão e Brabagato;
- Dançador e Brilhante;
- Realejo e Canindé.

Em cima do carro vai Agenor Soronho. Neste tradicional transporte do sertão, o carro de boi, eles carregam uma carga de rapadura e um caixão com um defunto, o pai de Tiãozinho, ex-guia dos bois do Agenor Soronho.

Tiãozinho vai chorando: sofre com a morte do pai e com a de Didico. Sofre também com o calor, com o cansaço e com os maus-tratos que recebe do carreiro Agenor.

Tiãozinho ficou totalmente dependente de Agenor Soronho por conta da doença e morte do pai. Agenor sustenta a família do menino, pois é interessado em se tornar amante da viúva.

O boi Brilhante vai contando aos demais a estória do boi Rodapião, que morreu por assimilar os processos mentais dos homens. Os bois vão conversando entre si sobre a opressão dos bois pelos homens e a possibilidade de vencerem sua superioridade. Curiosamente, os bois sentem-se solidários com o menino.

Ao chegar a ladeira do Morro-do-Sabão, no entardecer, Agenor encontra, caído e quebrado, o carro da Estiva, carreado por João Bala.

Agenor consola o carreiro e, em seguida, para provar a Tiãozinho que era um carreiro de verdade, escala a subida em que João Bala fracassara. Sai vitorioso e coloca-se na dianteira do carro, junto aos bois, e cochila. Os bois percebem que o "homem-do-pau-comprido-com-marimbondo-na-ponta" está dormindo. Jogam-se bruscamente para a frente, atropelando-se para derrubar Agenor Soronho, que cai. A roda do carro passa sobre o seu pescoço, sem que se possa saber se morreu dormindo ou se acordou para saber que morria.

Em "Conversa de bois", o boi torna-se personagem ativo, para além de um mero ser da fauna circundante. E passa, nesse momento, a formar com o menino Tiãozinho um só personagem, metade humano metade animal. A parte homem do ser antropomórfico e híbrido, o menino "humano", não possui o dom da palavra. A consciência dos bois faz com que surja a palavra. Ao menino, cabe apenas o desejo de vingança e a vergonha.

## IX. A hora e vez de Augusto Matraga

### Personagens

#### Augusto Esteves Matraga

É o personagem principal do conto e possui uma peculiaridade de projeção mítica que é de mudar o seu nome de acordo com as passagens significativas de sua vida. Depois de ter sido mau em sua vida, mulherengo e violento, ele se transforma num homem bom, religioso e trabalhador. Perde fortuna, a esposa e a filha por conta de seu comportamento. Inclusive, em alguma ocasião, quase perde a vida. Depois de uma surra aplicada pelos capangas do Major Consilva, Matraga sentiu-se renascer como outro homem. Foi obrigado a esconder-se dos inimigos num sítio com um casal de pretos velhos que o salvou. O final de sua trajetória ocorre com ele matando o famoso chefe de jagunços Joãozinho Bem-Bem para salvar uma família inocente, e por consequência, morrendo.

#### Joãozinho Bem-Bem

É o chefe de jagunços. Por suas ações e fama, é temido no sertão. É um justiceiro que defende os amigos e persegue os inimigos. Tem um pressentimento de uma força oculta que o aproxima de Nhô Augusto.

#### Quim Recadeiro

Empregado de Nhô Augusto, levava e trazia recados, como o nome dá a entender. Quando vai fazer justiça pela morte de seu patrão, acaba sendo morto pelos jagunços do Major Consilva.

#### Dona Dionóra

Era mulher de Nhô Augusto. Muito maltratada por seu marido, acaba se cansando e fugindo com Ovídio.

#### Mimita

É filha de Nhô Augusto que se torna prostituta, muito por conta de sua percepção de que o pai não gosta dela.

#### Major Consilva

Sujeito hereditariamente inimigo de Nhô Augusto, logo também foi inimigo do avô do protagonista. Homem de posses e maldoso, tem todo o poder depois da suposta morte de Nhô Augusto.

#### Tião da Thereza

Personagem é conterrâneo de Nhô Augusto. Encontra-o no povoado do Tombador e lhe informa dos acontecimentos sucedidos após sua suposta morte.

#### Outros personagens

Angélica, Sariema, Pai Serapião, mãe Quitéria, Juruminho, Teófilo Sussuarana.

#### Enredo



O protagonista do conto é conhecido como Augusto Matraga, seu nome verdadeiro é Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira, também chamado de Nhô Augusto. Caracterizado com o maior valentão do lugar, por perversidade, briga e debocha de todos. Bolina a mulher dos outros e não se preocupa com sua mulher, Dona Dionóra, nem com sua filha, Mimita, bem como com sua fazenda, que entra em ruína.

---

Dionóra, em função disso, foge com Ovídio Moura levando a filha e os bate-paus de Augusto, nome dado aos seus capangas, que por serem mal remunerados, vão trabalhar justamente para seu maior inimigo; o Major Consilva.

Ele fica sabendo do fato por Quim Recadeiro e resolve matar Dionóra e Ovídio, mas no caminho é atacado numa emboscada, por seus inimigos, que depois de baterem nele, o marcam com ferro de gado em brasa. Quase inconsciente, no momento em que vai ser assassinado, junta suas últimas forças e se joga no despenhadeiro do rancho do Barranco. Obviamente, dado os ataques e tamanho da queda, todos acharam que ele tinha morrido. Porém, é salvo por um casal de negros velhos: a mãe Quitéria e o pai Serapião, que tratam de Nhô Augusto, que se recupera, porém fica com várias sequelas.

Inicia, então, no povoado do Tombador uma vida nova, para onde levou os pretos, seus protetores. Tudo isso serve para que ele se regenere e leve uma vida de trabalho, penitência e oração. Sonha com um Deus valentão e começa a fazer o bem.

Depois de seis anos, recebe notícias de sua ex-família por intermédio de Tião da Thereza: Dionóra, vive feliz e pretende se casar com Ovídio, a sua filha, Mimita, foi ludibriada por um caixeiro viajante e se entregou na perdição. Com essas notícias, Matraga sofre e sente saudades.

Num certo dia, surge a figura de Joãozinho Bem-Bem, um famoso jagunço, com seus capangas: Flosino Capeta, Zeferino, Tim Tatu-tá-te-vendo, Juruminho e Epifânio. Matraga hospeda-os com grande dedicação, mas nega o convite de Bem-Bem de seguir junto com bando, ele quer ir para o céu.

Matraga despede-se do casal de velhinhos que o salvaram e parte montado num jumento, sem saber para onde ir, se deixando levar pelo destino.

Recuperado e resignado, chega ao Arraial do Rala-Coco, reencontrando Joãozinho Bem-Bem e seu bando em ação, eles estavam por cometer uma cruel execução de vingança contra a família de um assassino.

Momento chave na narrativa, Augusto Matraga desperta para a sua hora e vez: tentando fazer justiça, se coloca contra o chefe do bando, tomado de uma força nova, inclusive matando vários capangas. Acaba num duelo particular com Joãozinho Bem-Bem e ambos morrem.

Nessa hora, Augusto Matraga é reconhecido por seus antigos conhecidos.

## APROFUNDE SEUS CONHECIMENTOS

1. (UFES) Leia os trechos retirados de *O burrinho pedrês*, de Guimarães Rosa, e considere as afirmativas feitas. A seguir, assinale a opção CORRETA.

"ERA UM BURRINHO PEDRÊS, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão. Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual. (...) Mas nada disso vale fala, porque a estória de um burrinho, como a história de um homem grande, é bem dada no resumo de um só dia de sua vida. (...) Mas, nem bem Sinoca terminava, e já, morro abaixo, chão a dentro, trambulhavam, emendados, três trons de trovões. (...)

– É para vigiar o Silvino, todo o tempo, que ele quer mesmo matar o Badu e tomar rumo. Agora, eu sei, tenho a certeza. Não perde os dois de olho, Francolim Ferreira! (...) Badu agora dormia de verdade, sempre agarrado à crina. Mas Sete-de-Ouros não descansou. Retomou a estrada, e, já noite alta, quando chegaram à Fazenda, ele se encostou, bem na escada da varanda, esperando que o vaqueiro se resolvesse a descer. Ao fim de um tempo, o cavaleiro acordou. (...)"

I. A aliteração em "dentro", "trambulhavam", "três trons de trovões" alude ao barulho da trovoada, que prenuncia a tempestade e o perigo iminente.

II. Na fábula, são introduzidas algumas digressões que vão sendo narradas por vaqueiros ao longo de sua jornada. Essas digressões são causos que pontuam a narrativa, criando uma atmosfera de suspense para o desfecho da história do burrinho pedrês e de Silvino e Badu.

III. O narrador da fábula faz uso de discurso direto e indireto, articulando-os de forma que o tempo da narrativa seja percebido tanto num passado (acontecido) como num presente (acontecendo).

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão incorretas.

2. (UEL) Em relação ao modo como Guimarães Rosa retrata o sertão mineiro, é correto afirmar que o autor:

- a) se apóia em tipos humanos e paisagens reais, valendo-se, no entanto, de uma linguagem absolutamente inventiva e pessoal.

- b) se vale sobretudo dos diálogos, em que busca registrar com exatidão o modo de falar do sertanejo.
- c) se socorre de lendas e mitos populares, o que dá à sua prosa o caráter de uma válida documentação folclórica.
- d) se vale da paisagem como cenário de histórias que, na verdade, poucas marcas trazem da cultura regional.
- e) se filia à tradição do regionalismo naturalista, buscando demonstrar teses de caráter científico e determinista.

3. (PUC-CAMP) Reflita sobre as seguintes afirmações:

I. Tal como ocorre nos demais contos de SAGARANA, João Guimarães Rosa centraliza neste a prática popular da fé cristã, encarnada aqui num Augusto Matraga renascido, que viverá o resto de sua vida no trabalho humilde e penitente, para além do heroísmo e da violência.

II. Neste conto, como em todos de SAGARANA, a linguagem do autor promove uma autêntica fusão entre o que é abstrato e o que é concreto, tal como aqui ocorre na fala do padre, em que os valores religiosos se enraízam no cotidiano sertanejo.

III. A "hora e vez" de que fala o padre vai-se concretizar, neste conto, num ato de fé e de bravura do protagonista contra um inimigo poderoso, o que lembra o clímax de dois outros contos do livro: "São Marcos" e "Corpo fechado".

É correto afirmar que

- a) apenas II é verdadeira.
- b) apenas III é verdadeira.
- c) apenas I e III são verdadeiras.
- d) apenas II e III são verdadeiras.
- e) I, II e III são verdadeiras.

4. (CEFET-PR) Sobre os contos de Sagarana é INCORRETO afirmar:

- a) A volta do marido pródigo demonstra, no comportamento do protagonista, o poder criador da palavra, dimensão da linguagem tão apreciada por Guimarães Rosa.
- b) Tanto em Corpo fechado quanto em *Minha gente* o espaço é variado, deslocando-se a ação de um lugar para outro.
- c) Em *Duelo* e *Sarapalha* figuram personagens femininas cujos traços não aparecem nas mulheres de outros contos.
- d) O burrinho pedrês, Conversa de bois e São Marcos trabalham com a mudança de narradores.
- e) *A hora e a vez de Augusto Matraga* não apresenta a inserção de casos ou narrativas secundárias.

5. (UPF) Nos contos de *Sagarana*, Guimarães Rosa resgata, principalmente, o imaginário e a cultura:

- a) da elite nacional
- b) dos proletários urbanos
- c) dos povos indígenas
- d) dos malandros de subúrbio
- e) da gente rústica do interior

6. (Fuvest) Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

— E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

— Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

— E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

— Macabéa.

— Maca — o quê?

— Bea, foi ela obrigada a completar.

— Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome ue nin uém tem mas arece ue deu certo — arou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinquei... pois é...

— Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caia uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

(Clarice Lispector, *A hora da estrela*)

Ao dizer: "(..) promessa é questão de grande dívida de honra", Olímpico junta, em urna só afirmação, a obrigação religiosa e o dever de honra. A personagem de *Sagarana* que, em suas ações finais, opera uma junção semelhante é:

- a) Major Saulo, de *O burrinho pedrês*.
- b) Lalino, de *Traços biográficos de Lalino Sa-lãthiel* ou *A volta do marido pródigo*.
- c) Primo Ribeiro, de *Sarapalha*.
- d) João Mangolô, de *São Marcos*.
- e) Augusto Matraga, de *A hora e vez de Augusto Matraga*.

7. (UEL) O trabalho com a linguagem por meio da recriação de palavras e a descrição minuciosa da natureza, em especial da fauna e da flora, são uma constante na obra de João Guimarães Rosa. Esses elementos são recursos estéticos importantes que contribuem para integrar as personagens aos ambientes onde vivem, estabelecendo relações entre natureza e cultura. Em *Sarapalha*, conto inserido no livro *Sagarana*, de 1946, referências do mundo natural são usadas para representar o estado febril de Primo Argemiro.

Com base nessa afirmação, assinale a alternativa em que a descrição da natureza mostra o efeito da maleita sobre a personagem Argemiro:

- a) "É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrída e desmantelada; uma cerca de pedra seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão."
- b) "Olha o rio, vendo a cerração se desmanchar. Do colmado dos juncos, se estira o vôo de uma garça, em direção à mata. Também, não pode olhar muito: ficam-lhe muitas garças pulando, diante dos olhos, que doem e choram, por si sós, longo tempo."
- c) "É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapana mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez."
- d) "Estava olhando assim esquecido, para os olhos... olhos grandes escuros e meio de-quina, como os de uma suaçuapara... para a boquinha vermelha, como flor de suinã..."
- e) "O cachorro está desatinado. Pára. Vai, volta, olha, desolha... Não entende. Mas sabe que está acontecendo alguma coisa. Latindo, choramingando, chorando, quase uivando."

8. (PUC-SP) O conto *Conversa de bois* integra a obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. De seu enredo como um todo, pode afirmar-se que:

- a) os animais justiceiros, puxando um carro, fazem uma viagem que começa com o transporte de uma carga de rapadura e um defunto e termina com dois.
- b) a viagem é tranqüila e nenhum incidente ocorre ao longo da jornada, nem com os bois nem com os carreiros.
- c) os bois conversam entre si e são compreendidos apenas por Tiãozinho, guia mirim dos animais e que se torna cúmplice do episódio final da narrativa.
- d) a presença do mítico-lendário se dá na figura da irara, "tão séria e moça e graciosa, que se fosse mulher só se chamaria Risoleta" e que acompanha a viagem, escondida, até à cidade.
- e) a linguagem narrativa é objetiva e direta e, no limite, desprovida de poesia e de sensações sonoras e coloridas.

9. **O conto serve de pretexto para a documentação dos costumes e dos infortúnios da vida da roça. Estrutura-se como uma espécie de paródia, meio sentimental e meio irônica, das estórias de amor com final feliz.**

**Trata-se de:**

- a) O Burrinho Pedrês
- b) Minha Gente
- c) Sarapalha
- d) São Marcos
- e) O Duelo

10. **Os temas dos nove contos que compõem a obra *Sagarana* apresentam:**

- a) um caráter estritamente regional não só devido à linguagem como também ao espaço;
- b) visão, acima de tudo, subjetiva sobre os problemas humanos;
- c) reflexões de caráter universal o que corrobora a visão rosiana de que o "sertão é o mundo";
- d) um retorno ao antropocentrismo clássico, à erudição realista e ao moralismo humanista de Gil Vicente;
- e) a destruição da concepção de que o homem, apesar de tudo, é um ser bom e um retorno ao determinismo naturalista.

11. **"—Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos..." Os dois duelantes revelam uma grandeza humana: a "homência", a valentia e, mesmo desafetos, admiram-se por isso.**

**O conto em questão é:**

- a) O Duelo
- b) Corpo Fechado
- c) Volta do Marido Pródigo
- d) Conversa de Bois
- e) A Hora e Vez de Augusto Matraga

## GABARITO

---

1. D   2. A   3. D   4. C   5. E  
6. E   7. B   8. A   9. B   10. C  
11. E

